

humanitas

Vol. XXIŽJ J ;;

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXI E XXII



COIMBRA
MCMLXIX-LXX



blema do nome, da terra do nascimento, da data do nascimento), passa o A. a analisar aspectos controversos da interpretação da sua obra. O carácter sintético da exposição faz que alguns problemas sejam apenas aludidos ou sumariamente tratados. Assim, a influência de Álcman na lírica da Magna Grécia é sugerida como um domínio a explorar. Os poemas dedicados a Helena são objecto de um exame especial, que gostaríamos, no entanto, de ver mais desenvolvido, no que toca ao problema complexo das duas *Palinódias*, mediante a análise e o confronto dos textos aduzidos e de outros, que importam ao esclarecimento da questão. O frg. 193 P de Estesícoro, que o A. publica em apêndice, é aproveitado com finura na construção de várias hipóteses que procuram resolver as dificuldades da existência das duas palinódias e das diferentes versões do mito que se encontram nos autores clássicos. Uma das hipóteses apresentadas oferece um interesse especial: uma preocupação de carácter ético leva Estesícoro à purificação do mito de Helena em duas etapas distintas, na 1.^a das quais limita a fuga de Helena ao território egípcio (versão da *República* de Platão), confiando à 2.^a o papel de estabelecer que Helena nunca abandonou o tecto conjugal (versão do *Fedro*).

No tratamento de Íbico, poeta menos problemático que Estesícoro, releve-se a seguinte observação: ao apreciar a poesia de amor do grande poeta de Régio, há que ter em conta os antecedentes de poesia erótica em Álcman e Estesícoro. Do valor da obra de Álcman para o estudo da lírica da Magna Grécia em geral já o A. falara a propósito de Estesícoro.

O último autor discutido é Teógnis de Mégara. A exegese a que o A. submete o passo de Platão (*Leis*, I, 630 a), importante para a identificação da pátria do poeta, parece legitimar a conclusão da sua origem ática, a que se sobrepôs a cidadania siciliana.

Enfim, apresenta A. Garzya nesta separata de «Le Parole e le Idee» um estudo que, embora breve, é cheio de interesse pela variedade de sugestões e informação.

M. O. P.

DOUGLAS E. GERBER — **Euterpe**. *An anthology of early Greek lyric, elegiac, and iambic poetry*. Edited with introductory remarks and commentary by Amsterdam, Adolf M. Hakkert, 1970. XII-436 pp.

Superabundantes em italiano, são raras em inglês as antologias comentadas da lírica grega arcaica: um facto surpreendente para quem conheça a importância dos contributos trazidos (pensamos só nos últimos quarenta anos) por estudiosos como Bowra, Burn, Dale, Davison, Knox, Lobel, Page, West, Young. A esta escassez procurou obviar o florilégio de Campbell, *Greek lyric poetry: a selection of early Greek lyric, elegiac and iambic poetry* (London, 1967). Mas a diferença dos critérios de selecção, a riqueza das anotações, a extensão das informações

bibliográficas justificam o aparecimento, em terras de Holanda, desta nova colectânea, organizada por Douglas E. Gerber, professor da Universidade do Western Ontario.

A antologia compreende vinte poetas (Arquiloco, Calino, Semónides, Tirteu, Álcman, Mimnermo, Sólon, Estesícoro, Safo, Alceu, Íbico, Anacreonte, Xenófanes, Focílides, Teógnis, Hipónax, Simónides, Baquilides, Píndaro, Corina), arrumados, como se vê, por ordem quanto possível cronológica, critério que oferece inconvenientes e vantagens, mas tem ganhado a preferência da maioria dos editores¹, mais preocupados, depois das advertências crocianas, em sublinharem personalidades e atitudes do que sopesarem as novidades da «especialização» em determinado género poético. Discordar das preferências e pontos de vista do editor é tentação fácil para o crítico que, no caso presente, teria afastado Calino, Xenófanes, Focílides, porventura Semónides e Corina, e reduzido a menos de um quarto o texto de Teógnis, para ficar assim habilitado a inserir outros carmes de Álcman, Safo, Alceu e Píndaro. Com igual facilidade replicaria o autor que se não determinou por critérios puramente estéticos (oscilantes, como é óbvio, de editor para editor), antes procurou simultaneamente fornecer pontos de referência e de contacto, discussões de crítica textual e até de atribuição, elementos culturais de vária ordem, o mosaico versicolor dos momentos de crise e de inspiração. Tal foi, aproximadamente, a sua atitude no caso de Teógnis (pp. XI-XII): «It was tempting to choose only the most important or the most interesting, but this tends to give the student a false impression and also prevents him from seeing how the poems are combined in the collection.» Ao que poderá objectar-se que a mesma «false impression» irá resultar, para o estudante incauto, do confronto das 6 pp. de texto + 22 pp. de comentário, consagradas a Safo, ou das 4 (5) + 11 dedicadas a Alceu, com as 8 (9) pp. de texto + 24 pp. de comentário, preenchidas por Teógnis... Menos condescendência com o lírico de Mégara, menos contemplações com a sátira de Semónides ou as sentenças de Focílides teriam permitido ao editor canadiano transcrever e comentar alguns textos belos ou importantes que faltam na sua antologia, como os frgs. 3, 14a, 39, 40, 41, 56, 59a Page de Álcman, os frgs. 2, 34, 48, 49, 96, 104, 105c, 115 L.-P. de Safo, os frgs. 45, 308b, 347, 359, 362, 384 L.-P. de Alceu, outros epínicios e fragmentos célebres de Píndaro (apenas dá as Olímpicas 1 e 12, e o frg. 122 Snell). Não ficava o leitor lesado por conhecer menos poetas — porque ficava a conhecer melhor alguns que são realmente grandes.

O texto adoptado — informa o editor (p. X) — é o de Diehl-Beutler para os poetas elegíacos e iambógrafos, Lobel e Page para os lésbicos, Snell para Baquilides e Píndaro, Page para os restantes. Gerber não pôde já aproveitar a edição Tarditi de Arquiloco, nem a edição Prato de Tirteu, que saíram em 1968, com os monumentais *testimonia uetera* de Sólon reunidos por Martina, na colecção *Lyricorum Graecorum quae exstant* dirigida por Gentili. Nenhuma destas três obras

¹ Assim, por exemplo, nos *Frammenti della lirica greca* (Firenze, 1965) de Marzullo. Disposição tradicional na versão de *I lirici greci: età arcaica* (Torino, 1969) de Pontani, que, no entanto, considera (p. X) «mais racional e menos perigosa» a arrumação cronológica.

figura, realmente, na extensa bibliografia final (pp. 404-431). A ausência pode ser estranhável, se observarmos que *Euterpe* traz a data de 1970, e que os *Lyrica Graeca selecta* de Page, editados também em 1968, já ali vêm mencionados — mais do que isso: fornecem o texto (algo diferente do apresentado nos *Poetae melici Graeci*) do frg. 8 de Estesícoro. Mas alguns trabalhos italianos chegaram tarde ao conhecimento do editor, que lamenta (p. 416) não ter podido utilizar o artigo de Pavese sobre o parteneu Mariette de Alcman (frg. 1 Page), publicado nos «Quaderni urbiniati di cultura classica», 4 (1967), pp. 113-133 (e o mesmo se diga, por exemplo, do artigo de Cerri, *La terminologia sociopolitica di Teognide: I. L'opposizione semantica tra ἀγαθός-ἐσθλός e κακός-δελός*, ibidem, 6 [1968], pp. 7-32).

Seguindo embora o texto crítico mais autorizado, Gerber procurou aliviá-lo de alguns sinais rebarbativos que tornariam menos expedita a sua leitura correnteia¹ (confronte-se, por exemplo, a ode 1 de Safo em Lobel-Page com a transcrição que dela se faz a pp. 154-155): soube, no entanto, resistir à sedução das «correções» não indispensáveis e dos suplementos destinados a vida bem efêmera. *Cruces* e vazios foram conscientemente disseminados pelo texto de vários poetas: o que é sintoma confortante de maturidade e honradez. Não desconhece o professor canadiano as tentativas do passado: e lembra-as sempre que podem ser instrutivas para o leitor. Às vezes, no entanto, o seu escrúpulo parece excessivo: em Arquíloco, 1.1 D.-B. ἐρατὸν δῶρον, valia a pena reexumar — para a soterrar de novo — a sugestão nado-morta de Della Casa Ἐρατοῦς δῶρον? Em 79a.11 D.-B., a partição ἡγγύνα κυμαντῶι é errônea e desnecessária: ἡγγύνη ἀκυμάντῶι tem justificação plausível (*Hipponactea*, pp. 87-88). Exemplo raro de precipitação foi a acolheita dada, entre as relíquias de Hipónax, ao frg. col. adesp. 1 D.-B. δὲ ἡμέραι γυναικός εἰσαν ἡδισταί· | ὅταν γαμήι τις κάκφέρηι τεθνηκυῖαν. Ao contrário do que diz Gerber (p. 297), nem o próprio Masson afirma convictamente a «genuinidade» do fragmento: no comentário (p. 140), ainda arrisca as palavras «il semble qu'il puisse appartenir malgré tout à l'Éphésien, poète misogyne», mas no aparato crítico (p. 68) reconhecera: «*fragm. fortasse haud hipponacticum*» [sublinhados nossos]. Que peso efectivamente pode ter a impressão de que «the satirical nature of the verses does not seem out of keeping with the remains of Hipponax» (p. 297)? O Efésio atacou uma mulher, Arete, ou outras da sua laia, mas nem por isso é um poeta misógino: pois não escreveu ele (frg. 79 D.-B.) εἰ μοι γένοιτο παρθένος καλή τε καὶ τέρπεια (qualquer que fosse a sequência... realista do almejo)?... Na infundável querela

¹ Por isso nos pesou vê-lo recorrer, no próprio texto das poesias, ao vistoso sinal da sinizese. Outros o têm feito e vão fazendo: nós julgamos que tal prática se deveria confinar às anotações ou ao comentário (como procede Gentili em *Polinnia: poesia greca arcaica*, Messina-Firenze, 1965²). Em Hipónax, IV.17 D.-B. δ δ' ἀτίξ' ἐλθῶν ὅν τρωίσι μίλατνεν, o emprego dos parênteses rectos é francamente desaconselhável, porque o texto por eles limitado não constitui suplemento — como, por exemplo, em Alceu 34(a).1 L.-P. παῖδες ἄφθιμοι Δ[ίος] ἠδὲ Λήδας —, mas era já conhecido, antes do aparecimento do Pap. Oxy. 2174.11, através de Tzetzes, *In Lycophr.* 579 e 1165. Acertadamente se têm adoptado, por isso, em casos como o presente, os sinais de meio parêntese ()).

dos epodos de Estrasburgo, Gerber confessa (p. 35) ter-se deixado persuadir pelos argumentos de Cantarella e Kirkwood, e dá o primeiro fragmento a Arquiloco, o último a Hipónax. Cremos que os elementos ao nosso dispor não permitem fazer uma demonstração convincente da autoria dos epodos: e que, por isso, os respectivos fragmentos se devem considerar ἀδέσποτα, como propôs Page.

Ao comentário em rodapé, Gerber (ou a casa Hakkert que edita o volume) preferiu o comentário seguido, no fim do texto de cada um dos poetas: o processo, mais vantajoso para o livreiro que para o leitor, tem largo curso em edições inglesas; e é azada profecia imaginar que o progressivo encarecimento da mão-de-obra o há-de generalizar também por esta parte da Europa. A preocupação de ser «completo» (que pode ter determinado a inclusão de autores literariamente menos significativos) ou o desejo louvável de fornecer ao aluno e ao professor os elementos essenciais para se bastarem — quanto possível — a si próprios explicam, talvez, que o editor canadiano tenha julgado necessário anteceder o comentário propriamente dito de uma informação sobre a vida, a poesia, o pensamento, a métrica de cada um dos autores. Esta informação é sóbria e actualizada, não preenche mais que uma ou duas páginas, não pretende substituir-se à lição dos tratadistas, mas apenas «assentar ideias», «desbravar terreno» para as explicações que vão seguir-se: seria injusto dizer que constitui uma impertinência. De cada texto se indicam sempre as fontes (só transcritas, bem entendido, em casos de manifesta utilidade) e até, na bibliografia, os estudos monográficos mais recentes que tenha merecido. Gerber sumariou a contribuição válida dos melhores tratadistas ou — quando tal não era praticável — endereçou o leitor para os lugares onde poderia encontrar notícias complementares. Tudo isto sem prejuízo de um repensamento pessoal dos problemas e de numerosas observações argutas que não figuram no comum das antologias. Uma saudável contenção guiou o comentador, que declara ter-se eximido a dar informações óbvias ou que cada qual possa encontrar na consulta de Liddell-Scott-Jones (p. XI). As derrogações que observámos são efectivamente raras: por exemplo pp. 13, 297: o «subentendimento» de ἐστι é evidente no primeiro caso, inaceitável no segundo (frase exclamativa: cf. Humbert, *Synt. gr.*, §103); 16, 23, 298: o que se diz de ἐρρέτω, ῥοδῆ, ἀτταγᾶς vem em qualquer dicionário de grego; 20: a anotação a ἐπιτεφής é pouco menos que dispensável. Gerber enriqueceu a sua antologia com a citação cuidadosa de muitos lugares paralelos: mas parece algo forçado, para o [Ps.] Arquíl. 79.11-12 D.-B. ὡς [κῆ]ων ἐπὶ στόμα / κείμενος lembrar (p. 37) o homérico κνωπῖς (por exemplo *I* 180) e, para Álcman 1.73 Page Ἄσταφίς τέ μοι γένοιτο, o frg. 79 D.-B. de Hipónax εἴ μοι γένοιτο παρθένος καλή τε καὶ τέρευνα (cf. também θ 339 ss. ou Arquíl. 71 D.-B.!).

Já nos referimos à copiosa bibliografia que encerra o volume (e que nem sequer retoma os estudos de carácter lexical ou semântico citados ao longo do trabalho: cf., por exemplo, a p. 100, a indicação de numerosos artigos sobre o valor de πορφύρεος e de ἰσός). O editor canadiano pisa terreno que lhe é familiar: além de uma resenha de publicações sobre a poesia lírica grega a partir de 1952 («Class. World», 61 [1968]), organizou uma imponente bibliografia pindárica — nada menos de quatro séculos de estudos sobre o lírico de Cinoscéfalas (*A bibliography of Pindar 1513-1966*, Princeton, 1969). Desejaríamos, no entanto, que, para cada poeta, tivesse separado as edições, pelo menos, dos dicionários e dos estudos gerais e particulares. Quem for hóspede no assunto e ler «Treu, M., *Archilochos*

(München, 1959)»¹ ou «Gentili, B., *Anacreon* (Roma, 1958)», ficará com certeza perplexo: trata-se de estudos sobre aqueles poetas (é o que mais parece, e não são) ou de edições dos seus fragmentos? É importaria, em alguns casos, ser mais selectivo, ou então advertir o leitor de que livros como os de Edmonds, *Lyra Graeca e Elegy and lambus*; Farina, *Ipponatte*; Whatmough, *Poetic, scientific and other forms of discourse* (ou mesmo obras como Knox, *The first Greek anthologist with notes on some choliambic fragments* e Fatouros, *Index uerborum zur frühgriechischen Lyrik*) se não podem utilizar sem muitas reservas. Por outro lado — *alba auis!* —, Gerber cita meia dúzia, pelo menos, de autores portugueses: todos com impecável ortografia, na pessoa e nos escritos...

Um índice de assuntos, outro de palavras, encerram este volume, decorosamente apresentado, que estudantes e especialistas vão percorrer com interesse pelas informações e respeito pela inteligência e zelo com que foram reunidas.

WALTER DE SOUSA MEDEIROS

SALVATORE QUASIMODO — **Leonida di Taranto**. Con un saggio su Quasimodo di Carlo Bo. Presentazione di Antonio Rizzo. «Il Mezzogiorno e la cultura moderna»: 1. Manduria, Piero Lacaita editore, 1969. 120 pp.

«*Meravigliosamente / un amor mi distringe*» [...] O meu valado é a Sicília: um valado que encerra antiquíssimas civilizações e necrópoles e latomias e telamones destroçados sobre a relva e minas de sal-gema e de enxofre e mulheres a chorar há séculos pelos filhos que lhes mataram, e fúrias reprimidas ou desencadeadas, bandidos por amor ou por justiça. Não fui buscar longe o meu cantar; e a minha paisagem não é mitológica nem parnasiana: lá estão o Anapo e o Hímeras e o Plátanos e a Cíane com os papiros e os eucaliptos, lá está Pantálica com suas tocas tumulares escavadas quarenta e cinco séculos ante de Cristo, «inçadas como favos de cortiço», lá estão Gela e Mégara Hibleia e Leontinos. É um amor, este meu, que não pode dizer à memória que fuja para sempre daqueles lugares.»²

O mesmo amor que levava outro meridional, Leónidas, a exprimir a mágoa, «mais pungente que a morte», de se ver distante da Itália — e da sua pátria, Tarento, entregue à *ἄβιος βίος* de um vagamundo (*Anth. Pal.* 7.715.1-3). Quasimodo não saiu da Itália, mas teve de deixar a Sicília e viveu, como Leónidas, uma existência errabunda por várias regiões (Calábria, Ligúria, Sardenha, Lombardia, Valtellina),

¹ A propósito: qual a vantagem de citar, para Arquíloco, a edição de Liebel (Leipzig, 1812), se nem os *Poetae lyrii Graeci* de Bergk (Leipzig, 1882⁴) — ainda utilizáveis e utilizados — figuram já na bibliografia de carácter geral (pp. 404-406)?

² Quasimodo, *Autobiografia* cit. por Carlo Bo no ensaio inicial (pp. 17-18).